

## **DE FAVELADOS A FAVELADOS: A CIDADE ALTA (RIO DE JANEIRO) E AS MEMÓRIAS E RE-SIGNIFICAÇÕES DA FAVELA NUM CONJUNTO HABITACIONAL**

Mario Sergio Brum<sup>1</sup>

*Favela*. Palavra que causa associações imediatas dos locais que possam ser considerados uma. Mas, paradoxalmente, a favela não é uma categoria facilmente definida, ou que se explique por si mesma. Para definir a favela é necessário recorrer a um conjunto de circunstâncias e atores históricos. Vamos discutir neste artigo, a partir de um estudo de caso, a Cidade Alta<sup>2</sup>, como se dá esta construção.

Surgido como um conjunto habitacional dentro do projeto de erradicação de favelas executado pelos governos estadual e federal nas décadas de 1960 e 1970, a Cidade Alta localiza-se em Cordovil, zona norte do Rio de Janeiro. O complexo todo é formado pelos Conjuntos Cidade Alta, Porto Velho, conhecido também por ‘Pé-Sujo’ e Vista Mar, conhecido também por ‘Bancários’; e por cerca de cinco favelas: Divinéia – Cambuci, Pica-Pau, Serra Pelada, Chega Mais e Avilã, algumas destas construídas nas encostas da elevação onde foram edificadas os conjuntos.

O conjunto Cidade Alta foi o primeiro a ser construído e se localiza no centro do complexo, onde ficam praticamente todas as organizações locais, além da maior parte do comércio. Os cálculos sobre a população do complexo da Cidade Alta vão de 23 mil habitantes, segundo a estimativa da Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, até 40 mil, segundo a associação de moradores.

### **A questão: o que é *favela*?**

Uma das primeiras constatações daqueles que querem se aprofundar no tema *favela* é da historicidade do termo. Ou seja, ele adquire significados diferentes através da história, não pelo que ele traduz, uma área urbana estigmatizada que “destoa” do entorno, mas pelos elementos (significantes) que a constituem.

---

<sup>1</sup> Doutorando em História Social – PPGH/UFF

<sup>2</sup> Este trabalho é um desdobramento do projeto de doutorado *De Favelados a Favelados: Dos programas de remoção de favelas à favelização do conjunto habitacional da Cidade Alta – Rio de Janeiro (1969-2006)* que está sendo desenvolvido por mim, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Knauss de Mendonça, no Programa de Pós-Graduação em História Social – UFF.

Assim, os termos “Áreas de risco”, “lepras”, “berço do samba”, “outra cidade”, “céu no chão”, “áreas apartadas” foram e são usados para referir-se às favelas do Rio de Janeiro através da história. Termos que se incorporaram à imagem da cidade no decorrer do último século e na própria identidade desta. As favelas cariocas passaram a formar um elemento constitutivo do Rio de Janeiro, seja pelas manifestações culturais oriundas destas, ou ainda, por suas relações com a cidade e com o Estado.<sup>3</sup>

O Estado lidou com a favela sempre considerando-a como um ‘problema’, definindo assim sua condição de ilegal e/ou irregular. Intrinsecamente, seus moradores são considerados marginais por ocuparem a cidade deste modo ilegal (além de toda uma gama de preconceitos quanto à origem rural e/ou étnica destes). Sucessivas políticas do Estado para as favelas tiveram em comum a permanente tentativa de controle e normalização do espaço urbano e de suas camadas mais pobres, através das inúmeras ações de despejo, fossem por razões higienizadoras, urbanísticas, etc. Com o objetivo, salvo raras exceções, de eliminá-las do espaço urbano através da remoção<sup>4</sup>.

### **O estigma como política de Estado.**

A partir de 1968/69, começa a ser montada uma estrutura para sistematizar a política de remoções, cabendo ao BNH (criado em agosto de 1964) o papel de executor das políticas habitacionais, tendo entre suas atribuições angariar os recursos para remover e assentar os favelados em novos locais. Assim, a remoção pôde ser executada com força total num contexto ditatorial, garantida por uma repressão nunca vista antes.

Assim surge a CHISAM (Coordenação de Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana) através do Decreto Federal n.º 62. 654, em 03/05/1968, vinculada ao Ministério do Interior, juntamente com o BNH.

A partir da análise de documentos da CHISAM, Perlman (1977: 135-38) observa que sua atuação se baseia na lógica de que a favela, por suas condições físicas precárias, degrada o favelado, de modo que uma constante nos documentos da CHISAM era a referência aos ‘barracos’ nas favelas. A partir desta linha, a transferência dos favelados para uma moradia ‘digna’ significaria a sua ‘recuperação’. O material a seguir não pode ser mais explícito quanto a isto: “*Como objetivo primeiro, está a recuperação econômica, social, moral e higiênica das famílias faveladas. Pretende-se também a transformação da família favelada,*

---

<sup>3</sup> Para uma bibliografia sobre a história das favelas ver: (Brum: 2006); (Leeds & Leeds: 1978); (Nunes: 1980)

<sup>4</sup> Mesma bibliografia da nota 3.

*da condição de invasora de propriedades alheias \_ com todas as características de marginalização e insegurança que a cercam\_ em titular de casa própria. Como conseqüência, chegar-se-ia à total integração dessas famílias na comunidade, principalmente no que se refere à forma de habitar, pensar e viver.”* (CHISAM, 1971: 16).

O governo investia maciçamente na propaganda da casa própria e das vantagens em serviços e urbanização que os conjuntos apresentavam. Este, aliás, era um dos pontos mais incisivos para defesa do programa de remoção por parte do governo. De que os favelados teriam (e queriam) a casa própria. Por parte do Governo da Guanabara, já sob Negrão de Lima, a política de remoções significava “*um positivo programa de assistência social, visando a longo prazo, a recuperação econômica, psicossocial e moral dos favelados.*” (Governo da Guanabara, 1969: 26).

Nos planos originais da CHISAM seriam removidas todas as favelas do Rio de Janeiro até 1976. Antes da meta ser cumprida, a CHISAM foi extinta, em setembro de 1973, tendo removido mais de 175 mil moradores de 62 favelas (remoção total ou parcial), transferindo-os para novas 35 517 unidades habitacionais em conjuntos, estando a maioria destes nas zonas Norte e Oeste (Perlman, 1977: 242).

A maior parte das favelas removidas localizava-se na Zona Sul, tendo sido removidas da orla da Lagoa e do Leblon as favelas da Catacumba, Jóquei Clube, Ilha das Dragas e Praia do Pinto. Vale dizer que esta última foi removida após um incêndio que, acredita-se, (segundo praticamente todos os moradores entrevistados) foi proposital.

### **O processo de remoção.**

A política de remoção é uma ação por parte do Estado em que o estigma de *favelado* e o fato de ser ‘indesejado’ na cidade tornara-se uma situação real com atitudes concretas, levada às últimas conseqüências por parte das autoridades governamentais. A fala de Dona Margarida, ex-moradora da Praia do Pinto, favela localizada no Leblon, bairro de alto poder aquisitivo, é clara quanto a este sentimento: “*A gente ouvia falar em São João de Meriti, Caxias, um lugares que... meu Deus do céu! De repente eu estava fazendo parte dessa coisa horrível!*”<sup>5</sup>.

Segundo documento da CHISAM: “*Os aglomerados de favelas construídos de forma irregular, ilegal e anormais ao panorama urbano em que se situam não integram o complexo habitacional normal da cidade, pois, não participando de tributos, taxas e demais encargos*

---

<sup>5</sup> Entrevista com Maria Margarida Nonato do Nascimento à pesquisa, em 26/08/2008.

*inerentes às propriedades legalmente constituídas, não deveriam fazer jus aos benefícios advindos daqueles encargos.”*(CHISAM, 1969: 14)

Para as autoridades da CHISAM, a Praia do Pinto “*apresenta chocante contraste com as construções do bairro*” (CHISAM, 1969: 24). Isso era sentido também pelos moradores, pois segundo Dona Margarida, sempre houve uma discriminação muito forte: “*Era uma favela e ali havia um limite, uma fronteira: De um lado, os favelados: olhados de banda, odiados, desprezados... E do outro lado, os ricos, brancos (...) Havia muita discriminação. O sonho deles era se ver livres de nós (...) Cresci com essa ameaça pendurada na cabeça da gente ‘um dia isso aqui acaba’ ‘um dia vocês vão sair daqui!’*”.

### **Da favela para o Conjunto**

A ida para o Conjunto Habitacional da Cidade Alta então, segundo esta visão do Estado na época, constituiria uma oportunidade dos seus novos moradores se livrarem do estigma de *favelado*<sup>6</sup>.

Entre os depoentes que têm em comum a vinda para o conjunto devido às remoções, podemos perceber que esta vinda é narrada como uma mudança positiva. A ordenação do local e o mínimo de infra-estrutura contrastam com a ‘desordem’ e precariedade da favela de origem, como narra uma depoente, idosa, removida de Manguinhos, na Zona Norte, parcialmente removida: “*Quando cheguei aqui, estranhei um pouco, porque não estava acostumada com tanta beleza. Estava vindo de uma favela com muitos barracos, sem água encanada, sem esgoto (...) quando cheguei aqui foi como um sonho realizado. Era tudo que eu queria.*”.

Outro morador, oriundo do Parque Proletário da Gávea, favela extinta totalmente, disse que a mudança para Cidade Alta foi para melhor, pois “*Mudou nossa qualidade de vida porque viemos morar em apartamentos, em local urbanizado, limpo... Antes, morávamos em uma favela onde não havia urbanização e limpeza.*”. Mesma linha ainda de outro depoente, vindo da Praia do Pinto, achou que a Cidade Alta era “*uma coisa de primeiro mundo, porque eu estava vindo da favela*”.

Particularmente para os removidos, a inexistência de serviços básicos nas favelas de onde vieram em fins da década de 1960, como é o caso principalmente da Praia do Pinto, contrastava com uma infra-estrutura mínima, como arruamento, calçamento, rede de água e

---

<sup>6</sup> Segundo dados de 1970, da população original do conjunto Cidade Alta, aproximadamente 50% veio da favela da Praia do Pinto, 19% de outras favelas da zona sul, o restante dos subúrbios da Central, da Leopoldina, entre outros lugares. (CENPHA/BNH, 1970).

esgoto, entre outros que havia no conjunto. A ida para lá é tida então por muitos moradores como um ‘avanço’ em relação à moradia anterior. A fala de dona Margarida é clara quanto a isso: *“A violência lá, sabe qual era? Era você ficar sentado na bica até 1, 2 horas da manhã esperando um fio d’água correr para encher uma lata pra levar pra casa, pra botar no barril, voltar, encher outra lata.... isso era violência! Eram as casas onde nós morávamos, sem banheiro, sem água, sem conforto!”*

Para Dona Margarida, a Cidade Alta então diferia da favela: *“Saí da favela! Classe pobre, mas... aquela coisa da dignidade. Aqui havia uma possibilidade de melhorar. (...) Por mais desprezo que as pessoas sintam da Cidade Alta, por mais que falem dela. (...) Tanto é que eu não vejo a Cidade Alta como favela. Aqui não é favela! Aqui é um bairro pobre.”* Para outra moradora, que veio da Praia do Pinto ainda criança, a Cidade Alta também *“Não é e nunca foi uma favela. Porque, como proprietária de um apartamento, vi minha mãe pagar 240 prestações da Cehab”*.

### **Os problemas do Conjunto.**

O discurso dos moradores de satisfação com a casa própria e uma mínima infraestrutura não pode ser visto de maneira isolada, porque os mesmos depoentes relativizam a mudança e lembram as dificuldades dos primeiros anos, como diz Dona Margarida: *“De repente eu estava morando em casa igual ‘gente’. Parede de tijolo, o chão não estava limpo, mas era de cimento, tinha lá o buraco para lâmpada... De princípio achei bom. Mas depois foi outra decepção enorme: Aqui se você ficasse sem uma caixa de fósforo para acender o fogão, você estava perdido. Não tinha nada onde comprar!”*

Outro depoente, também vindo da Praia do Pinto, embora elogie as “condições de moradia” que encontrou, lamentou a distância: *“Na época, o que realmente era pior era a distância. Para o trabalho\_ quase todos ou todos trabalhávamos na Zona Sul\_ a distância das praias, comércio, diversão...”*

Dona Margarida lembra ainda que: *“Tinha uma coisa interessante. As chaves eram praticamente coletivas. Então a minha chave abria a casa da vizinha ali, abria a casa do outro. Então, quando perdia a chave: ‘me empresta a sua chave?’”*.

Acrescente-se a isso as dificuldades com as prestações dos imóveis, o que já constava nos documentos da CHISAM, quando se apresenta de onde virão os recursos: *“Tratando-se de famílias de baixa renda, pouquíssimos recursos originários de suas poupanças poderão ser adicionados aos investimentos governamentais.”* (CHISAM, 1979: 9). Apesar desta

ressalva constar nos planos da CHISAM, com o passar do tempo, o custo com as prestações se mostrou muito além das possibilidades de muitas famílias.

A ex-moradora da Praia do Pinto, que lamentou a distância, lembra: “*Muitos não conseguiram pagar e foram covardemente despejados, ou faziam permuta com moradores de outra favela.*”.

Grande parte do fracasso das metas da CHISAM deveu-se pela inadimplência por parte dos removidos, que tiveram um aumento brusco nas suas despesas mensais e muitas vezes perderam o emprego, já que o mesmo localizava-se próximo a favela de origem.<sup>7</sup> Em pesquisa realizada no fim da década de 1970 com a população dos conjuntos habitacionais, foi constatado que diminuiu em 50% o número de moradores que iam a pé para o trabalho (no universo do conjunto), ou seja, para esses moradores, o custo com transporte para o trabalho não existia na favela de origem (CPU/IBAM – BNH, 1979: 264).

### **Do conjunto para a favela.**

Vimos que, através dos depoimentos, que a favela significava para estes depoentes a antítese à ordem e à infra-estrutura do Conjunto Habitacional. Desta visão apreende-se que, na memória destes moradores, a imagem da *favela* anterior era de desordem e precariedade. Vamos tratar agora o que seria *favela* a partir da visão que os moradores têm sobre o conjunto na atualidade, e se a Cidade Alta é ou não uma.

Esta construção não se dá exclusivamente em âmbito interno, mas, muito pelo contrário, ocorre a partir da relação de um local com o entorno e a cidade. Assim, vemos que no portal G1, saiu a seguinte notícia: “*O comandante da Polícia Militar do Rio, coronel Ubiratan Ângelo, disse que está sendo investigado o uso de um carro blindado da PM - conhecido como Caveirão - na invasão de milicianos na favela da Cidade Alta, em Cordovil, no subúrbio do Rio*” (Portal G1: 05/02/07- <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL4086-5606,00.html> – o grifo é meu).

A visão da Cidade Alta *tendo se tornado favela* é bastante comum entre os depoentes, embora não seja unânime. Ela é baseada em três principais argumentos:

O primeiro deles é a descaracterização do conjunto e a falta de conservação dos prédios e da infra-estrutura. Parte desta noção deve-se às ‘puxadas’, ampliações dos imóveis feitas pelos moradores no andar térreo e que são utilizadas tanto como ampliação do espaço dos apartamentos quanto para montar um negócio. Essas puxadas começaram a ser feitas na

---

<sup>7</sup> Este processo de inadimplência foi profundamente trabalhado em (Perlman, 1977); (Valladares, 1978) e (Zaluar, 1983).

década de 1980 e descaracterizaram os projetos originais dos prédios dos conjuntos da Cidade Alta, e em menor escala, do Porto Velho.

Uma moradora que foi para o conjunto por vontade própria, em 1980, aponta o contraste com o que era a Cidade Alta quando chegou: *“Não existia o famoso ‘puxadinho’. Era mais organizado. Hoje é uma bagunça, ninguém respeita. Fazem casas em lugares inapropriados. Isso para mim virou uma favela. Antigamente era um conjunto habitacional.”*. Outro morador, vindo removido de Manguinhos reforça esta idéia: *“Há dez anos que os prédios não são pintados. Muitos ‘puxadinhos’... Hoje não temos ‘entradas’, só temos becos, esgotos a céu aberto, falta água...”*.

O segundo argumento é o crescimento das ‘favelas’<sup>8</sup> no entorno da Cidade Alta. Além do aumento da Divinéia, favela que, segundo o relato local, surgiu ainda na década de 1970 com removidos que ‘passaram a casa’ no conjunto Cidade Alta, surgiram novas ‘favelas’ no local, compostas por ex-moradores ou não dos conjuntos.

Uma moradora que veio da favela São João, em Botafogo, mesmo relativizando o surgimento das favelas com a idéia de decadência, não deixa de fazer a ligação: *“Depois de alguns anos começaram a surgirem as favelas. Algumas famílias que não conseguiam morar em apartamento preferiam casas. Foi aí que começaram a fazer barracos onde hoje existem as tais favelas. Mesmo com as favelas, as coisas iam bem até pouco tempo, quando infelizmente os problemas começaram aparecer e está cada dia pior.”*

Outra moradora, uma baiana que chegou ao Rio em 1952 e veio da Praia do Pinto, aponta o que ‘piorou’ na Cidade Alta: *“A violência, muitas favelas, as ruas sujas, lixo jogado em qualquer lugar”*.

O terceiro argumento, que surge com mais força e de maneira praticamente unânime, é o discurso de que a atuação de quadrilhas ligadas ao tráfico de drogas e o incremento da violência no local é o principal fator responsável pelo caráter de favela da Cidade Alta.

Os constantes tiroteios entre quadrilhas rivais de outras localidades e com a polícia contrastam com uma aparente tranqüilidade existente no local até o início da década de 1980. Quase todas as entrevistas realizadas apontam para o contraste entre a violência atual e uma época idílica em que as pessoas tocavam violão à noite nas ruas e nas escadas dos prédios até de madrugada, como conta uma depoente, vinda da Praia do Pinto, falando sobre ser jovem na Cidade Alta: *“A juventude da Cidade Alta nos anos 80 era bem mais tranqüila do que a de hoje. [a diversão] era sair para dançar, ir à praia e tocar instrumentos musicais nas escadas*

---

<sup>8</sup> Usamos o termo favela entre aspas ao nos referirmos às comunidades do entorno do complexo, mais recentes em sua maioria, caracterizadas ainda pela precariedade das habitações e dos serviços urbanos.

*dos prédios.”. A depoente vinda de Manguinhos apresenta o mesmo discurso: “As crianças brincavam com segurança, não existia perigo como hoje. Antes, era mais seguro.”.*

Para alguns depoentes, há ligação entre o incremento da violência e o crescimento das favelas, como diz uma moradora que veio do Parque Proletário da Gávea: “*Com o crescimento das favelas que rodeiam o conjunto, passou a crescer a violência, que antes era quase nenhuma.”.*

A violência ligada a atividade do tráfico é hoje um elemento fundamental na construção da imagem da *favela*, estabelecendo as fronteiras de um determinado espaço que corresponde a favela ou se, ao contrário, na atualidade, a favela corresponde ao espaço de atuação do tráfico, este definindo um espaço urbano determinado como *favelizado*, onde o tráfico exerce o controle através da presença operacional de seus agentes.

Esta idéia se revela no depoimento de Antônio Carlos, que nasceu e mora em Cordovil desde antes do surgimento da Cidade Alta, ao falar sobre as reações dos moradores do bairro sobre o conjunto: “*No começo ‘nego’ não falava mal não, mas depois, conforme as coisas, né? Algumas pessoas falavam: ‘Depois que veio a Cidade Alta é que ficou pior’. Eu mesmo se tivesse condições saía fora daqui, porque nessa violência não dá pra você morar num lugar desses não. (...) Porque aqui já foi um bairro tranquilo mesmo.”*<sup>9</sup>.

### **Conclusão**

Percebemos nas entrevistas realizadas até agora em nossa pesquisa, uma predominância de falas sobre um passado onde a Cidade Alta não seria uma favela e a vinda para o conjunto é vista de maneira positiva pela maioria dos depoentes. O mesmo contrasta com a bibliografia existente sobre o tema, em que a remoção é fortemente criticada pelos moradores<sup>10</sup>. Façamos algumas considerações sobre o assunto.

A primeira delas é que, já tendo se passado quarenta anos, devemos considerar que, para alguns moradores, a insatisfação com o local foi tão grande que os levou a se mudarem do conjunto, o que acaba por reduzir o número de moradores que tenham uma visão negativa do processo.

A segunda é que a imagem que estes moradores têm da favela de origem é de uma época em que a urbanização de favelas não era uma política de governo, o que foi modificado na década de 1980. Sendo que a favela, na época da remoção, era o local da precariedade e da

---

<sup>9</sup> Entrevista com Antônio Carlos Barroso à pesquisa, em 25/03/2009.

<sup>10</sup> Mesma bibliografia da nota 6.

ausência de serviços públicos, o que foi mudado depois. Não há hoje grandes diferenças entre a infra-estrutura urbana da Cidade Alta e de muitas favelas do Rio de Janeiro (Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro/ IplanRIO, 1997). Assim, eles foram transferidos de um local marcado pela ausência de condições mínimas de moradia para um local onde esse mínimo existia, melhora vivida pelos moradores.

Terceira, vimos que há uma noção muito forte entre os moradores de uma época, do início do conjunto, que adquiriu uma dimensão simbólica de ‘tempos melhores’ comparando-se com o que veio depois, perfazendo então uma distinção dos tempos que o local, pelos aspectos urbanísticos e pela ‘tranqüilidade’ não se constituiria como uma favela, e sim que acabou se transformando numa.

E por último, é que, não custa lembrar, estamos trabalhando com memórias. Conforme falamos acima, a trajetória de vida destes moradores é marcada por processos para uns mais dolorosos, para outros menos, mas que têm em comum uma carga de preconceito na favela de origem por parte da vizinhança ao redor; da remoção para um local distante; das dificuldades dos primeiros anos de vida no conjunto. Suas trajetórias de vida são contadas por eles mesmos a partir da vivência destas dificuldades e com orgulho de terem passado por tudo isso e se mostrarem vencedores. Como disse Dona Margarida: “*Eu olho pra trás e vejo o que eu consegui caminhar, onde consegui chegar e me sinto muito bem.*”.

### **Bibliografia:**

BRUM, Mario Sergio. “*O povo acredita na gente*”: *Rupturas e continuidades no movimento comunitário das favelas cariocas nas décadas de 1980 e 1990*. Dissertação de Mestrado em História Social – PPGH/UFF, Niterói, 2006.

FREIRE, Américo & OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Capítulos da memória do urbanismo carioca*. Ed. Folha Seca, Rio de Janeiro, 2002.

LEEDS, Anthony & LEEDS, Elizabeth. *A sociologia do Brasil urbano*. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1978.

NONATO, Denise *Favela de cimento armado: um estudo de caso sobre a organização comunitária de um conjunto habitacional*. Dissertação em Sociologia, UERJ, Rio de Janeiro, 2003.

NUNES, Guida. *Favela: Resistência pelo direito de viver*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1980.

PERLMAN, Janice. *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977.

VALLADARES, Lícia do Prado. *Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta*. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1985.

**Documentos:**

*CHISAM: Origem – Objetivos – Programas – Metas*. BNH / Ministério do Interior. Rio de Janeiro, 1969.

*CHISAM. Metas alcançadas e novos objetivos do programa*. BNH / Ministério do Interior. Rio de Janeiro, 1971.

*Condições de vida em dois conjuntos habitacionais de interesse social: Cidade de Deus e Cidade Alta*. CENPHA/BNH, Rio de Janeiro, 1970.

*Favelas cariocas: índice de qualidade urbana*. – Coleção Estudos da Cidade. Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro/ IplanRIO, Rio de Janeiro, 1997.

*Rio: Operação Favela*. Governo do Estado da Guanabara, Rio de Janeiro, 1969.

*Rio de Janeiro, Avaliação de Programas Habitacionais de Baixa Renda*. CPU/IBAM – BNH, Rio de Janeiro, 1979.